

HOMENAGEM PÓSTUMA DO STJ A (ÁLVARO) PEÇANHA MARTINS*

FRANCISCO PEÇANHA MARTINS
Ministro do Superior Tribunal de Justiça

Tantas vezes imaginada a cena pensei pudesse melhor controlar as emoções que me invadem a alma, avolumadas pelas generosas referências produzidas por Francisco Trindade, Roberto Casali, Hugo Mosca e Pedro Augusto Gordilho, velhos e bons amigos. Um misto de saudade e orgulho faz fremir todo o corpo, permeando de azedo e doce o paladar.

Homem de caráter forte, personalidade marcante e vontade indômita, Álvaro Peçanha Martins serviu, com méritos, as causas que abraçou. Bom filho, bom irmão, bom esposo e pai, amigo sincero, leal e solidário, fez-se um cidadão exemplar.

Simple com os humildes, jamais se curvou aos poderosos, aos quais tratava com inexcedível altivez. De cara feia jamais teve medo. Nunca o vi acovardar-se física ou civicamente. Exerceu sempre o poder de crítica e decisão. Manteve alto o "panache", em toda a existência.

Advogado, deputado, magistrado, procedeu sempre com rigor ético, austeridade, honradez, dignidade, integridade e simplicidade. Deu a cada um o que de direito tinha, sonhando por ver realizada a utopia — a satisfação das necessidades de todos —, ideário do grupo reunido sob a liderança política e intelectual dos irmãos João e Otávio Mangabeira, ao lado de Luiz Viana Filho, Simões Filho, Aloysio de Carvalho Filho, João Borges de Figueiredo, Jorge Calmon, Nestor Duarte, Josaphat Marinho e outros, todos apaixonados ruístas.

* Discurso do ministro Francisco Peçanha Martins, do STJ, na sessão solene da Corte convocada para homenagear o falecido ministro Álvaro Peçanha Martins.

Não escreveu livros nem foi professor, mas teve alunos na arte que praticou com maestria — a advocacia. Como poucos sabia descrever os fatos e enquadrá-los na lei, consoante a boa doutrina, com concisão, clareza e elegância. Poucas vezes se corrigia, lançando de um jato as idéias em boa caligrafia, cultivada talvez no louvável castigo de copiar trechos de bons autores, que os mestres católicos de então infligiam aos alunos travessos no Colégio Salesiano. E Alvinho sempre o foi, preocupando Francisco Martins, seu amado pai e ídolo, quando da transferência de colégios. Num desses, no velho Instituto Bahiano de Ensino, do professor Hugo Balthazar da Silveira, onde fizera par, nos folgedos, com o saudoso ministro Amarílio Benjamin, e de que saíra por rebelar-se fisicamente à cafua, surpreendeu-se, anos após, quando, já deputado estadual, visitando o Colégio para atender a chamado do mestre, verificou que o seu nome figurava no Quadro de Honra. Protestou, relembrando a sua rebeldia. Disse-lhe, então, o grande educador que o quadro de honra não refletia apenas o período escolar, mas sobretudo o destaque profissional e a conduta digna ao longo da vida. Tal fora a razão da inscrição do seu nome, que a classe dos advogados, mais tarde, elevou-o à culminância da Presidência da Seccional Bahiana da OAB, após anos a fio de exercício no cargo de Conselheiro.

Da advocacia foi convocado para a magistratura, onde alcançou o pleno desenvolvimento de sua personalidade. A princípio Juiz Federal da 1ª Vara, quando instalou a Seção Judiciário do Estado da Bahia, e logo a seguir nesta casa, compondo o extinto e sempre lembrado Tribunal Federal de Recursos. Aqui continuou praticando as lições que aprendeu nas "Reflexões sobre a vaidade dos homens ou discursos morais sobre os efeitos da vaidade" oferecidos a El Rey D. Joseph 01 por Matias Aires Ramos da Silva de Eça, e com Ruy Barbosa, o grande mestre de sua vida, de quem recitava trechos e até páginas dos discursos, artigos e petições.

Democrata por convicção, tinha a liberdade como valor indispensável à vida. Quando se discutia sobre a possível prisão dos que, como ele, desde a Faculdade se opunham à ditadura, não aceitava a idéia, mormente a do confinamento solitário. A caíva desenvolvera nele a claustrofobia, não vendo com bons olhos os elevadores e salas fechadas.

Não acreditava no efeito educativo da prisão. Procurava amenizar os preceitos da lei, sem deixar de aplicá-los e de cumprir com seu dever, como julgador, mesmo sobrepondo os deveres aos sentimentos, como assinalou o ministro Jorge Lafaiete Guimarães.

Como magistrado, não se escondeu. Recebia e conversava com todos os advogados porque, como dizia, "não tinha medo de si próprio". Era incorruptível e já no seu semblante se vislumbrava a integridade, a dignidade e a honradez que marcaram sua conduta.

Julgou, como disse no discurso de posse na Presidência do Tribunal Federal de Recursos, "sem cair no poço da vaidade", "sem sacrificar a austeridade necessária e essencial do magistrado, que já deixou de ser o simples espectador de outros tempos", atendendo e ouvindo a ricos, pobres e miseráveis. Cumpriu o seu dever com a simplicidade que deve caracterizar os gestos dos juízes e os atos judiciais.

Neste prédio, onde sempre o revejo, nos corredores, nos gabinetes, nos salões de julgamento e, sobretudo, neste salão nobre, onde o diviso radiante, orgulhoso e feliz, assumindo a Presidência do Tribunal, nesta augusta casa fez justiça ao lado de homens do melhor quilate, como os definia.

Fez de todos, ministros e funcionários, novos amigos. A sua forma simples e sincera de ser, jamais negando conselho, palavra amiga de conforto ou gesto de solidariedade aos que dele precisavam, abriu-lhe as portas e os corações.

Deixou o Tribunal Federal de Recursos contrariado, às vésperas da compulsória. Voltou à Bahia, ao convívio familiar e às velhas amizades que, triste, via desaparecerem. Reingressou na OAB/BA, mas não advogou. Não faz muito, porém, quis Deus retornasse ao Tribunal, no dia festivo de minha posse, para ver de novo o seu nome à porta de um dos gabinetes, na homenagem que, em vida, lhe pude prestar.

Foi um homem feliz. A namorada de infância converteu-se na esposa de toda a existência. Com Guiomar, esposa e mãe amantíssima, construiu uma família unida, bem estruturada, com filhos, netos e bisnetos, sadios e de boa índole, para os quais viveu, e que o cercaram de amor e carinho, retribuindo os seus sacrifícios e premiando os seus méritos e virtudes — família que agora lhes agradece pela homenagem prestada, envolvendo a todos, como fez ele no ato de posse no Tribunal Federal de Recursos, num fraternal abraço.